

QUESTÕES SENSÍVEIS E ENSINO DE HISTÓRIA: É POSSÍVEL HUMANIZAR O CURRÍCULO?

ALINE CABRAL LACERDA¹

SUZALA M. REIS ARAÚJO²

Resumo

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca dos temas sensíveis/controversos no ensino de História da Educação Básica. Por muito tempo, a noção de ciência esteve vinculada ao modelo cartesiano, baseado no modelo das ciências naturais e o ensino de História não fugiu a esse modelo, deixando de lado questões importantes para uma visão crítica da sociedade, o que dificultava que os estudantes reconhecessem sua história e se auto reconhecessem como protagonistas. Nesse contexto, as questões sensíveis ou controversas aparecem nos currículos de História, o que nos leva a diversas reflexões, dentre as quais, o que é definido como um tema sensível e como ele aparece nos diferentes contextos de sala de aula. Genocídios, ditaduras, passados escravocratas: os temas são muitos e diversos e o desafio do professor é inserir discussões que levem em consideração os efeitos dos silenciamentos e traumas em toda uma comunidade ou mesmo sociedades inteiras. No Brasil, há uma clara disputa ideológica por temas ligados à Ditadura Militar e racismo, por exemplo, e a prática pedagógica do professor definirá como esses temas serão abordados, através do reconhecimento de que a sala de aula é um espaço privilegiado de transformação da realidade.

Palavras-chave: Temas sensíveis. Ensino de História.

Introdução

Historicamente, a noção de “ciência” está relacionada ao modelo cartesiano, aquilo que é verificável, que se repete e que conta com um método. Por muito tempo e até recentemente, a História enquanto ciência, e depois, enquanto disciplina, sempre esteve envolvida em diversas controvérsias acerca da noção de ciência e do seu método. A história do ensino de história traz um panorama interessante quanto à disciplina e a sua implantação no Brasil, palco de diversas disputas políticas que versavam sobre a utilidade da disciplina História e como ela deveria ser ensinada nas escolas. Mesmo diante dessas tantas controvérsias, Piazza e Priori afirmam que

Apesar de todas as dificuldades encontradas durante a implantação da disciplina de História, é possível perceber que ao longo dos anos será considerada, uma matéria de fundamental importância para a formação do estudante brasileiro, oferecendo-lhe subsídios capazes de desenvolver uma visão mais ampla de mundo e dando-lhe uma maior capacidade crítica. (PLAZZA E PRIORI, p. 3)

¹ Professora de História da Rede Estadual da Bahia, Mestranda ProfHistória/UESB, graduanda em Direito/UESB.

² Professora de História da Rede Estadual da Bahia, Psicóloga/UESB, Mestranda ProfHistória/UESB.

É inegável a importância da disciplina História para a construção de um conhecimento crítico e pensante acerca da sociedade, da comunidade em que o estudante está inserido e acerca de si mesmo e de sua história, a memória do seu país e do seu povo e da sua ancestralidade.

As produções que citam as questões sensíveis no ensino de História aparecem na historiografia de modo relativamente recente e com diferentes nomenclaturas:

questões sensíveis e controversas (ALBERTI, 2016); passados sensíveis (PEREIRA; PAIM, 2018); passados vivos (PEREIRA; SEFFNER, 2018); história difícil 3 /temas controversos (SCHMIDT; CAINELLI; MIRALLES, 2018); temas sensíveis (ANDRADE; GIL; BALESTRA, 2018). (GIL E MESQUITA, 2020, p. 02)

A partir dessas nomenclaturas, algumas questões podem ser levantadas: como os estudantes reagem a determinados temas abordados em sala de aula? E mais: como a escola aborda esses temas e como eles aparecem nos currículos? O que determina que uma história é “sensível” ou “difícil”? De quais pontos de vista podemos definir como “sensíveis” determinados temas? o/a professor/a está disposto ou tem em si mesmo essas questões sensíveis resolvidas para, dessa forma, promover um debate pertinente, reflexivo e com potencial de mudança com os seus alunos?

Para tentar responder a algumas dessas questões, Carmen Gil afirma que “Na América Latina, o debate sobre questões sensíveis gira em torno da memória no âmbito da história recente, quando a escola é chamada a ensinar o trauma e a violência”. Já Pereira e Seffner (2018) afirmam que

no âmbito do ensino de história. As questões socialmente vivas se constituem na contemporaneidade em objetos privilegiados dos currículos de história, em função, por um lado, das demandas sociais de grupos identitários e, de outro, dos movimentos que buscam interferir na liberdade de ensinar e no direito de aprender, direitos assegurados na Constituição Federal de 1988. (PEREIRA E SEFFNER, 2018)

Diante disso, propomos uma discussão baseada na revisão bibliográfica mais recente sobre o tema, levantando questões relacionadas à temas sensíveis no ensino de História no contexto da educação básica. Entendemos que essa discussão é de extrema importância para a humanização de temas que, muitas vezes, são estudados como mais um conteúdo que precisa ser cumprido do que, de fato, uma discussão mais aprofundada que leva em consideração questões relacionadas aos Direitos Humanos e que tem seus reflexos ainda na sociedade atual.

Questões sensíveis e ensino de história

Questões sensíveis sempre existiram no decorrer da História, porém esses temas eram (e continuam sendo) tratados com uma certa distância, com um olhar do cientista, como se as emoções e as histórias difíceis não merecessem um lugar nos debates em sala de aula e na pesquisa científica, como se a ciência não fosse feita por homens e mulheres, suas histórias, vivências e subjetividades. Por muito tempo, a escola foi lugar apenas de reprodução acrítica de fatos, uma narrativa patriótica feita por e para “grandes nomes”, os que “mereciam” páginas nos manuais, em outras palavras, o ensino de História privilegiava a História pela ótica dos vencedores. Porém, mais do que uma necessidade, estudar histórias difíceis no âmbito da sala de aula, é um direito.

Oliveira e Freitas (2022) afirmam que “a história é um conhecimento controlado sobre o passado, cuja legitimidade está diretamente ligada a processos de intersubjetividade”. Ou seja, o conceito de História e a História enquanto ciência não é um modelo estanque, mas se modificam à medida em que a sociedade também se modifica. Dessa maneira, é esperado que o professor conheça a história do Ensino de História porque essa é uma das formas que ele pode pautar a sua prática de maneira crítica e inserir no seu dia a dia em sala de aula conceitos e discussões que em outros tempos não eram possíveis e nem mesmo colocados em pauta. E é nesse contexto que as questões sensíveis aparecem no currículo de História: levando em consideração que a História e Historiografia são feitas por pessoas e que ambas são dotadas de historicidade e subjetividades.

Negar os temas sensíveis no currículo de História é desumanizar o que é por natureza, humano, visto que podemos definir a História, segundo o historiador Marc Bloch (2001), como “uma ciência dos homens no tempo” (p. 67), cujo objeto é “o homem e por isso ela é a ciência que estuda os homens no tempo” (p. 55)

Gil e Mesquita (2020) afirmam que um tema não é sensível por si só, mas questões que aparecem no contexto de “ditaduras, genocídios, racismos, escravizações e outros passados violentos, que geraram traumas, silenciamentos e vergonha” são considerados difíceis quase que unanimemente, porém, cabe ao professor/a utilizar a sua didática na abordagem dessas questões.

Alguns temas são alvos de disputas ideológicas e em tempos de internet, quando qualquer pessoa pode se autointitular “criador” de conteúdos, alguns desses temas que eram quase unânimes, passaram a ser contestados. Podemos citar, nesse contexto, por exemplo, as disputas de narrativas nos últimos anos acerca da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) que permearam as discussões em salas de aula Brasil afora.

Levantamos a hipótese de que o desconforto e a fuga por tanto tempo de uma discussão mais centrada em questões difíceis (torturas, violações a Direitos Humanos, etc) tenha contribuído de alguma maneira para discursos rasos e negacionistas e a minimização de crimes contra a humanidade em nome de um discurso travestido de Ciência Histórica ocupada apenas com fatos e não com discussões mais aprofundadas sobre temas que deveriam ter sido tratados sem desvios de olhares, enfrentando de frente um passado que não se deve esquecer, mas que precisa ser lembrado, estudado, discutido e sentido para que não se repita sob nenhuma hipótese e em nenhum tempo ou âmbito, afinal não é razoável a defesa de tortura em quaisquer hipóteses ou em qualquer tempo, e sala de aula é também lugar de se discutir essas questões, apesar dos desconfortos que porventura possam surgir.

O papel do professor/a quanto ao estudo de temas sensíveis no ensino de História é muito importante: é ele que elabora os questionamentos, analisa os acontecimentos e faz o link e conexões com seus alunos acerca dessas questões; as questões sensíveis precisam ser problematizadas porque elas não surgem de forma espontânea, mas tantas vezes precisam ser provocadas, trazidas à tona questões do passado que repercutem até os dias atuais e que tem desdobramentos importantes para a sociedade. É também objeto da História problematizar o presente e entender como determinadas questões ainda não foram superadas, seus porquês, suas implicações, suas controvérsias e também seus silenciamentos.

O papel da escola, enquanto espaço privilegiado de diálogo, diversidade e construção de saberes, precisa estar claro nas discussões acerca dos temas sensíveis: como a escola vai tratar esses temas será crucial para a formação dos seus estudantes e ela não pode se eximir do seu papel, mantendo-se como um espaço de preconceitos e silenciamentos. É preciso que se discuta histórias difíceis da maneira mais honesta possível, pois até mesmo os pontos mais desconfortáveis podem se constituir em pontos de partida para uma mudança social.

Contestações a questões relevantes e caras aos Direitos Humanos, como casos de torturas na ditadura, ou mesmo questões relacionadas ao genocídio dos povos originários, acendem um alerta acerca das discussões que estão sendo feitas nas salas de aula e como estes temas estão sendo tratados no currículo: como são abordados temas como “tortura” e “genocídio”? São tratados como temas “estanques” próprios a um determinado período da História ou são tratados de forma a chamarem os estudantes à reflexão, a conexões com acontecimentos atuais e, principalmente, ao combate de práticas que são criminosas e ferem a dignidade humana?

Há uma questão que é crucial e que mostra o lugar do ensino de história no contexto de estudo das histórias sensíveis. Toda a história da humanidade foi feita por indivíduos e coletividades e em cada fato histórico, questões difíceis foram silenciadas ou suprimidas, em detrimento de uma narrativa que privilegiava determinados discursos. Por muito tempo, estudamos uma história “desumanizada” e as questões sensíveis trazem o “humano” da História. Ainda que questões sensíveis aparecessem, mesmo que de forma velada, como por exemplo, a escravidão, não se discutia de forma intencional questões relacionadas ao racismo, à tortura e ao trabalho compulsório e não se pensava essas questões com os seus desdobramentos até os dias atuais. Humanizar o Ensino de História é entender como os fatos históricos são feitos por homens e mulheres com emoções, sentimentos e intenções, é colocar a História no lugar de ciência viva e o ensino como lugar potente de mudança social:

É urgente mudar a rota de uma cosmovisão civilizatória da modernidade por outra que congrega saberes de negros e negras, de africanos, de indígenas, de grupos LGBTQIA+, de pobres, de favelados, de mulheres, de forma que possamos interligar lutas políticas e construir um mundo em que todos/as/xs tenham oportunidades e direitos. (GIL E MESQUITA, 2020)

A sala de aula é lugar de privilégio para discussões sobre questões diversas como racismo, feminismo, violências e preconceitos contra a população LGBTQI+, trabalho infantil e tantas outras questões que atravessam conteúdos caros à História como disciplina e à vida cotidiana dos nossos estudantes e também do professor. Ao professor, cabe um estudo aprofundado sobre os temas e uma autorreflexão sobre como aquele tema também lhe afeta, bem como sua intencionalidade ao abordá-lo. Cabe ressaltar que é imprescindível a aproximação entre ensino de História e Direitos Humanos e essa “aproximação (...) não é fortuita, pelo contrário, atende a um conjunto de dispositivos legais” (Pereira e Seffner, 2018).

Considerações Finais

Por fim, entende-se que o currículo de História que não leva em consideração as questões sensíveis, corrobora com uma prática de ensino conservadora, eurocêntrica e em conformidade com grupos sociais que não entendem a educação como prática de liberdade, mas sim de dominação. A História precisa ouvir todos os seus sujeitos, ser a voz de quem nunca foi permitido falar, os gritos de dor que ecoaram pelos pelourinhos, a agonia das mulheres ao serem queimadas nas fogueiras, a dor da invasão por meio da bala do revólver dos conquistadores, o suor que cai com lágrimas de crianças e mulheres na Inglaterra das primeiras fábricas...mas não apenas: a História também precisa ser a voz das mães que choram seus

filhos mortos por ataques em escolas no Brasil atual: Paraná, Bahia, São Paulo. É preciso falar sobre fascismos nos dias atuais, não como algo que ficou para trás ou sepultado no passado da História: é no submundo da Internet que ataques à democracia e às pessoas são pensados e planejados. É também no ambiente privilegiado da sala de aula que essas discussões precisam ser feitas: a escola não prepara para a vida, a escola é a própria vida. É preciso ensinar e aprender com esperança, do verbo esperar, como nos ensinou Paulo Freire, afinal “a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica”. Esperancemos.

Referências

BLOCH, Marc. **A história, os homens e o tempo**. In: Apologia da História ou O ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIL, Carmen Zeli de Vargas; MESQUITA, Ilka Miglio de. **Ensino de História com questões sensíveis**. Pensar a Educação em Revista, Florianópolis/Belo Horizonte, ano 6, vol. 6, n. 2, jun-ago 2020.

OLIVEIRA, Margarida Dias de. **História do Ensino de História: memória e possibilidades de construção de um domínio**. ProfHistória (Livro eletrônico): o dito e o feito. Margarida Dias de Oliveira; Itamar Freitas. Ananindeua: Cabana, 2022.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis**. Revista História Hoje, V.7, nº 13, 2018.

PLAZZA, Rosemary; PRIORI, Angelo. **O Ensino de História durante a Ditadura Militar**. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portais/arquivos/956-4.pdf>> Acesso em 18 de junho de 2023.